

A SEMANA

DIRECTOR VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escriptorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 4 DE NOVEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual.	12\$000
" semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
" atrazado	\$300

SUMMARIO.—Historia dos sete dias.—*J. do Egypto*; Notas Scientificas—*O Letudo*; Mumias, soneto—*V. Silva*; Zola na Inglaterra—*C. Formicini*; Conselho de medico, poeia—*A. Flavio*; Mãe—*M. C. da Cunha Santos*; Chronica dos livros—*A. Magno*; Cofre das graças—*Bibiano*; Leões ciumentos, soneto—*L. Rosa*; Pescadores—*J. Vicente Sobrinho*; Parnaso alegre; Soneto Metaphisico—*Santos Maia*; Os projectos de Zola—*Graindorge*; Theatros—*Flaminio*; Correio—*Enrico*; Tratos à bola—*Frei Antonio*; Archivo.

Historia dos sete dias

Ha dois mezes que o titulo desta secção perdeu a razão de ser, pela força dos acontecimentos.

Chamando-se ella *historia* e tendo-se feito realidade a suppressão de todas as funcções da mentalidade collectiva e da individual, ao serviço daquella, maxime a funcção que registra, conta e commenta os factos, devia esta secção ter desaparecido ou, ao menos, mudado de nome.

Ha dois mezes que um povo de alguns milhões de almas vive na mais completa e profunda ignorancia da sua propria vida, de tudo quanto se lhe passa no seio.

D'isso tem elle sabido tanto como do que acontece na lua, ou menos, porque com esta ainda restam as relações telescópicas.

Nem imprensa, nem telegrapho, nem correio, nem conversa—porque o estado de sitio illimitado em que vivemos tudo suspende e supprime. Adeus, portanto, á *historia* e á *chronica*. Mergulharam no mar do tempo; mas não de emergir depois, mais ou menos longe, carregadas de perolas preciosas e de algas podres.

A *Semana* devia ter sido, portanto, decapitada; devia-se-lhe ter cortado a *Historia dos sete dias*. Acabou-se a *Historia*. Mas ficou o Boato

Eu, se fosse Governo—do que Deus me livre!—teria muito maior temor e desconfiança do bacillo—boato que dos grandes animaes rugidores chamados Imprensa, *Historia*, *Crítica* e *Satira*. Mas isso não vem ao caso.

Se me atrevi a lembrar que ha um bom pedaço de tempo—quasi o bastante para dar a volta ao mundo—que vivemos sem liberdades nem direitos, á mercê das iras e dos caprichos dos deuses do céu, da terra e do mar, não foi com espirito de censura; mas apenas como observador, como philosopho,

para registrar o phenomeno e mais as consequencias delle, das quaes a principal é que nem por isso temos deixado de viver.



Fiz ha tempos uma experiencia curiosa, embora cruel, com uma formiga,—das medianas, da classe das *ouvriéres*, creio—para conhecer-lhe a força de vitalidade, o poder de resistencia organica.

Segurei-a delicadamente e com a lamina fina de um canivete, cortei-lhe, de encontro á madeira da mesa, os dois pequenos palpos buccaes com que ellas seguram o alimento. Com as antenas o animalinho procurou afflictamente os appendiculos perdidos, aflagando a boca; depois, tratou de fugir; segurei-a de novo e decepei-lhe as antenas. A afflicção do insectosinho augmentou. Estava desorientado; faltavam-lhe os membros tactis, graças aos quaes ella conhecia o terreno, afastava os tropeços, previa os perigos e com os quaes limpava o corpo, faz a sua *toilette*, agarrava e condusia as suas provisões e materiaes de construcção; agitava a cabeça sem tino; mas andava e procurava fugir lesadamente. Decepei-lhe depois o abdomen pelo pediculo, deixando-lhe intactas as pernas e o thorax. A pobresinha, assim mutilada, não se deteve, continuou a andar ligeira, procurando escapar, cheia de vida, mostrando uma força admiravel de resistencia. Decapitei-a então.

Da formiga só restava, portanto, a parte media do corpo, o thorax, com as suas seis longas pernas, articuladas em tres secções.

Pois bem, esse despojo de insecto, sem cabeça nem abdomen, só redusido a pernas, viveo ainda! procurou com ellas andar, fugir á destruição, ao horror do aniquillamento. E, enquanto jaziam immoveis a cabeça e a parte posterior, as antenas labiaes e frontaes, as seis perninhas mexiam-se, tacteavam, buscavam apoio, tentavam locomover aquelle resto miseravel de organismo, que viveo longas horas ainda.



A força vital das sociedades é como a dos insectos. Se vos dissessem, alguns annos atraz, que poderiamos viver dois mezes sem liberdade, privados da imprensa, do telegrapho, dos direitos de reunião, de critica, de commentario, de protesto, de petição, de queixa—não acreditaríamos. E no entanto vamos vivendo! Todos os habitos de ordem, de paz e de amplissima liberdade estão subvertidos, profundamente turbados. Os canhões tróam quasi incessantemente; ouve-se todos os dias o sibillo das balas; vêem-se os

effeitos de algumas; a morte cerca-nos, assedia-nos, paira sobre nós.

Mas vivemos e resistimos! E havemos de resistir. Como acontece a alguns animaes, não de renascer os membros que nos cortarem e desta serie terrivel de provações de toda sorte, hemos de erguer-nos povo retemperado na luta e no soffrimento, mais corajoso, mais digno, mais forte. Que essa convicção não nos abandone. Nella está a segurança de nosso porvir.



Dos factos da semana só um é permittido á *chronica*—a commemoração dos fiéis defuntos. A população não faltou a visitar os seus mortos. Entram por muito nesse acto de cortezia funebre a vaidade e o habito. Mas tambem entra o coração, e isto basta a purificar o acto.

Este anno essa visita foi mais solemne, mais grandiosa e mais triste. E' que o ar está impregnado de morte, não ha peito que respire desafogado, nem coração que não estremeça por algum ente amado, cuja vida está em risco. Quando se tem a alma de luto, aprazem os logares tristes, que a tristeza augmentam com estranha e dolorosa delicia.

Por isso correram todos ante-hontem ás necropoles tranquillias.

Mas a dor que mais me commoveu não foi a des-es vultos piedosos que foram, cobertos de crêpes e carregados de flores, chorar suas saudades sobre os marmores ricos e as covas humildes.

A dor que mais me commoveu foi a dos paes, mães, irmãs, esposas e noivas, que não foram ante-hontem aos cemiterios chorar sobre as sepulturas de seus queridos mortos por não saberem onde elles estão sepultados!

Refiro-me ás victimas desta guerra maldicta, de fraticidio; aos desgraçados que tem morrido no mar e em terra, fulminados pelas balas e cujos corpos são inhumados em segredo, em meio das trévas, com o mysterio dos crimes, para que ninguem saiba que tem havido victimas de um lado e de outro.

Chair à canon! Como é doloroso e revoltante que haja de ser amassado com o sangue de innocentes o pão da liberdade! que os erros dos grandes sejam resgatados com a vida dos pequenos!

Pobres victimas obscuras!

Nem vos consente a sorte funesta a triste compensação, o deradeiro consolo de terdes junto de vossos despojos, a chorar-vos o passamento, os entes amados por quem via

vícios, que eram a vossa força e todo o vosso bem!

Que o vosso sacrificio ignorado lhes seja util, ao menos, para o futuro!

De todos os finados foram estes os mais dignos de d'ó, porque não puderam ter, como os outros, um punhado de saudades sobre a terra humida; e que até ali, no chão da morte, que tudo dizem nivellar, foram ainda os parias da sociedade, os desterrados da vida! A verdade, porém, que a razão lembra ao sentimento, é que tão livres são agora esses, cujas sepulturas ninguém conhece, como aquelles que as tiveram cobertas de grinaldas ricas e illuminadas de cirios.

Tanto uns como outros libertaram-se do estado de sitio que se chama—a vida.

Libertas quæ sera tamen!

JOSÉ DO EGYPTO.

NOTAS SCIENTIFICAS

No seu admiravel livro—"Les Sensations Internes" conclue Beaunis o capitulo do "prazer" com uma referencia, bastante curiosa, ás idéas do bello, do bem e do verdadeiro nos animaes.

Diz Beaunis:

"As idéas do bello, do bem, e do verdadeiro, que resultam da actividade tão complexa dos centros cerebraes superiores e que são a fonte dos gosos intellectuaes e moraes mais vivos e mais nobres, têm sua origem nas sensações internas e externas e encontram-se, em germen, nos animaes. Para demonstral-o basta recordar alguns factos bem conhecidos.

Começarei pela idéa do bem. Está visto que não me refiro ao bem absoluto.

A idéa do bem pôde-se apresentar sob diversas fórmulas: sympathia, bondade, justiça e dever. Ora esses sentimentos existem, em estado rudimentar, nos animaes, e têm seu ponto de partida na affecção do macho pela fema e desta pelos filhos. Mas fóra mesmo do amor maternal, do paternal e do filial, ha grande numero de factos que demonstram irrefutavelmente a existencia da sympathia, algumas vezes pronunciadissima, entre os animaes da mesma especie e mesmo entre os de especie differente. Muitos conhecem a ligação que ha entre os leões do Jardim das Plantas e os cães que vivem na mesma jaula. Esse facto observa-se, embora menos geralmente, entre os tigres e cães. Montagu, em um dictionario ornithologico conta, a amizade violenta de um ganso por um cachorro.

Embora os animaes prestem ordinariamente pouca attenção aos soffrimentos de seus semelhantes, ha entretanto casos em que parece existir n'elles certa sensibilidade. Alguns animaes têm uma noção confusa e vaga do dever e sobre isto escreveu Houzeau no seu livro sobre as faculdades mentaes dos animaes. A abnegação, o sacrificio, a impulsão de arrostar um perigo para defender ou salvar o homem, nota-se em alguns animaes de especie superior, como o cão e o elephante. Não mencionarei os numerosos factos de abnegação da mãe pelos filhos, porque taes factos, como é de rigor, devem ser classificados na categoria dos phenomenos instinctivos.

Pôdem pois, existir entre os animaes prazeres, sentimentos correspondentes

aos que appellidamos bondade, dever, sympathia.

Com o sentimento do bello dá-se a mesma cousa; não é exclusivo á especie humana. Para comproval-o nada mais é preciso do que observar a astucia do macho para escolher a fema, e vice-versa. As primeiras artes, que nos selvagens se reduzem aos exercicios do corpo, como a luta e a dança, notão-se tambem nos animaes. São notorias as apostas de cavallos nas florestas virgens, os combates simulados dos gallos, os divertimentos e os jogos dos cães e dos gatos. A vaidade e os movimentos exquisitos dos machos diante das femeas, as attitudes e as gesticulações que põem em evidencia certos caracteres ornamentaes, indicam a existencia no animal de um confuso sentimento do bello. Ainda em auxilio desta proposição invocarei os cantos variados e melodiosos dos passaros, aos quaes não se pôde negar o instincto musical.

A idéa do verdadeiro não pôde, é evidente, ter desenvolvimento nos animaes e, á primeira vista, parece difficil encontrar nelles tal idéa, mesmo em estado de germen. E entretanto não ha alguma cousa que indique conhecê-la na maneira porque o cão e o gato exploram uma casa em que pela primeira vez entram? O que é a curiosidade si não uma modalidade do sentimento do verdadeiro? E esta curiosidade não é tão desenvolvida no cão e no macaco e ainda em outros animaes? O desejo de conhecer a verdade revela-se de modo claro nos cães e gatos quando estes se vêem pela primeira vez diante de um espelho. Procuram atrás do espelho o animal que viram e que não reconheceram ser a propria imagem, voltam, encaram novamente, tornam a procurar, arranham o vidro e ao cabo de algum tempo renunciam á tentativa, como um menino que abandona a solução d'um problema difficil á sua intelligencia.

Em summa; encontram-se no animal vagos rudimentos dos prazeres estheticos e dos gosos moraes.

Os theoristas d'arte acharão talvez humilde em demasia essa origem para o que ha de mais nobre e de mais alevantado nos prazeres humanos. Esta desconsideração, porém, não pôde embaraçar o physiologista, que nella não encontra nenhum valor. O genio mais sublime tem por origem algumas sensações brutas e grosseiras, communs aos seres inferiores. A actividade intellectual d'um Aristoteles, ou d'um Shakespeare jaz, em germen, no cerebro do mais degradado e abjecto dos australianos."

O. LETUDO.

MUMIAS

A Valentim Magalhães

Imagino-as no horror dos hypogeus mortuarios,
Mirradas sob o pé das gomas aromadas,
Entre canopes de ouro e vasos cinerarios
Espantos na nudez das alas tenebrosas.

Na treva, em longa fila, os genios funerarios
Fitam horrendamente as mumias silenciosas,
Estrelladas de anéis e accesos relicarios,
Onde um Ibis feral abre as azas radiosas...

O ar pesado suffoca; uma estranha figura
Soluçá desolada a um canto de mãos juntas;
Foje a traça senil que nos tumulos medra...

E no basalto negro a rubra illuminura
Dos hieroglyphos conta as tradições defuntas
E o sombrio esplendor dos seculos de pedra.

VICTOR SILVA.

ZOLA NA INGLATERRA

Traduzimos e transcrevemos em seguida a interessante "interview" que com o illustre auctor dos "Rougon Macquart" teve um dos reductores do "Echo de Paris," logo que o grande escriptor regressou de sua viagem a Londres, aonde fóra, a convite do Congresso dos Jornalistas, dissertar acerca do "Anonymato na imprensa."

Nessa conferencia, comquanto não demonstrasse possuir vasto nem profundo conhecimento da litteratura e da imprensa ingleza, expendeu Zola as idéas mais sensatas, uteis e adeantadas acerca de tão interessante assumpto.

Eis o texto da "interview":

— "Então, meu amigo, quereis as impressões de minha viagem e o meu juizo acerca da assombrosa Londres, onde fui tão faustosamente recebido, antes mesmo de esvasiar as malas? Estou completamente entusiasmado por esta viagem que, a principio não quiz fazer. Eu projectara um passeio á Bretanha, á beira mar, em sitio bem tranquillo para poder estudar em plena natureza e tratar do proximo trabalho. E eis que em vez disto, fui á mais barulhenta das cidades e durante dez dias vivi tumultuariamente, correndo festas, pronunciando discursos, recebendo extraordinarias ovações, quasi apotheoses. E, entretanto, não me acho nem mais fatigado, nem mais orgulhoso.

A Inglaterra é um paiz admiravel e que nós, francezes, conhecemos mal. Apesar do que geralmente se diz, somos lá estimados. Os inglezes abominam os allemães, povo rival, que tem invadido as usinas inglezas, e os francezes são queridos, apesar de não corresponderem a esse sentimento de affectividade.

Não digo isto porque fui excellentemente tratado em Londres; digo-o porque é uma absoluta verdade. Não falarei da Inglaterra como um homem que lhe conheça profundamente os habitos; seria ridiculo si eu pretendesse fazer nesta simples palestra um estudo reflectido sobre um paiz que já mais visitei e que sómente conheço atravez de solemnidades officiaes, com grande cerimonia e sequitos. O que posso asseverar é que Londres é uma cidade prodigiosa de vida, de intelligencia e de movimento, e que as auctoridades que a representam foram para nós de extremada delicadeza e eu agradeço calorosamente essas manifestações.

Acreditaes, talvez, caro amigo, que eu passava o tempo a flunar ao longo do Tamisa ou a passeiar em frente aos armazens da Regent-Street, logo que o congresso me concedia alguns instantes de folga? Pois bem! desenganai-vos! Desde as nove horas da manhã até uma hora, o salão de minha casa estava repleto de visitantes; eram reporters de todos os paizes, negociantes, personagens pertencentes á alta sociedade ingleza, encantadoras "miss" que vinham procurar autographos e testemunhar-me a sua admiração. A recepção não acabava nunca; nos dias immediatos...

Neste ponto interrompi o mestre. Como conseguiu esse paiz de "shoking" e de "cant," perguntei-lhe eu, esquecer assim de um dia para o outro as audacias rabelaisianas do romancista?

— "Estava á espera dessa pergunta, disse-me o mestre. Eis-nos emfim, che-

gados a essa famosa obscenidade com que estupidamente me ferem aqui, sem cessar. Ora pois, sabel, meu caro amigo, que esta reputação de homem immoral, libidinoso, grosseiro, e muito livre é uma lenda franceza.

"E' sómente aqui, na minha terra, que os individuos todos como serlos me cobrem de ridiculo sempre que abrem um dos meus livros. Para provar-lhe que na Inglaterra me julgam com menos severidade, vou citar-lhe um unico facto. No numero dos visitantes que quotidianamente vinham bater-me á porta do quarto, havia uma porção enorme de mulheres, de conducta e habitos irreprehensíveis, e eis o que todas me diziam: "Lêmos um por um todos os vossos livros, Sr. Zola, e adoramos-mol-o!"

"Acho que esses testemunhos de sympathia vingam-me dos ataques tolos, dessa gente que não sabendo ver o quanto meus livros possuem de esforço, consciencia e verdade, só leem as paginas em que fica offuscada a sua pretensa pudicicia.

"E agora, que sabeis pouco mais ou menos, as minhas impressões de viagem a Londres, consenti que vos conte as minhas impressões de chegada a Paris. Estaeis vendo aquella pilha de jornaes sobre a meza e que me foram enviados durante a minha ausencia? Li muito poucos e já sel como me hei de haver com a imprensa a meu respeito. Vejo que alguns dos nossos collegas ficaram admirados da recepção honrosa de que foi alvo em Londres um escriptor francez.

Eu é que estou sorprendido com semelhante surpresa! E' preciso que se note que não sinto o menor pezar com as palavras um pouco desagradaveis que ouvi aqui e alli: Rochefort e Drumont, naturalmente, crivaram-me de gracejos e epithetos, mas nenhum resultado se tira disso tudo; outro jornalista, que se diz muito forte porque é o primeiro classificado alphabeticamente, accusou-me de haver, no congresso de Londres, usurpado um titulo que não posso. Tudo isto é grotesco e divertime infinitamente.

"A verdade é que não foi preciso enfeitar-me com pennas de pavão para reconhecer que nisso tudo havia uma nota encomiastica, de grande applauso. Tenho a pretensão de ser jornalista nas minhas horas e por isso sei como os polemistas manejam a penna: mas se parti para a Inglaterra, foi porque, depois de uma recusa em regra, muitos e muitos pedlidos me obrigaram a fazer a viagem...

"Fui a Londres não como jornalista, mas como presidente da Sociedade dos Homens de Letras, o que quer dizer alguma coisa; fallei, não em nome de toda a litteratura franceza, mas como um escriptor que trinta annos de trabalho tornaram universalmente conhecido. Onde está nisso o meu erro? pergunto agora, ultrapassei o meu direito? Sempre que tive de erguer-me para tomar a palavra, lembrava-me que por traz de minha personalidade existia a França, de quem sou filho trabalhador e pertinaz.

"Ah! dizem por ahi — e Zola soltou uma gargalhada — que a Inglaterra me deu honras demasiadas! Pois bem, por muito pouco que isso valha, estou disposto a entrar n'um plebiscito contra todos os outros escriptores da Europa. Si eu fosse a São Petersburgo, no mez que vem, estou certo de que a gente

desse paiz me faria uma ovação ainda maior do que a que me fizeram os londrinos; tentei uma experiencia identica com relação á Italia, e sabeis perfectamente o que se diz de mim em Roma.

"O que querem? Digam o que disserem eu sou uma força adquirida por meio de meu trabalho obstinado e uma vontade indomavel; represento trinta annos de esforços sem fim, e em vista disso tenho o direito de rir dos ataques dos outros e de trazer a cabeça sempre erguida.

"No dia em que os criticos se julgarem desarmados, com certeza hei de sentir-me abatido, velho; as guerras que travam commigo fazem a minha alegria e só me sentirei triste na occasião em que todo o mundo se mostre indulgente para commigo."

E quando o mestre, cujo bom humor parecia crescer sempre, de mais em mais, acabou de fallar, levantei-me e approximei-me de uma mesa em que se viam pilhas de papel que mal se equilibravam:

— O que é isto, perguntei-lhe?

— Isto é materia para o meu proximo romance, respondeu Zola.

De quinta-feira em diante hei de entregar-me ao trabalho, e dentro de seis mezes terei escripto "Londres..." si os "interviewers" curiosos não me vierem aborrecer amiudadas vezes.

C. FORMENTIN.

CONSELHO DE MEDICO

(Introdução a um livro)

"E' quando o branco hynverno aos poucos asseberba montes, valles e céus, que tristemente brancos ficam, enquanto a noite ostenta os negros flancos, que eu sinto renascer esta nevrose acerba.

Tal como a nostalgia original do Kant: — areia ao norte e sul, a este e oeste — areia; haja treva, haja sol. o olhar desça ou levante, encontro de pezar a natureza cheia.

E esse desgosto frio isola n'um circuito a alma, aperta-a, deprime e para o gozo scinde-a, de goito que da vida eu elimino o intuito e aspiro á negação do pensador da India.

Sei que existe o prazer. São palmas ao talento, para os uivos da carne um corpo nú que a cinge, e que ha luz pela terra e pelo firmamento, e no entanto o torpôr o craneo me constringe.

De um irisado olhar uma illusão emigre e paire sobre mim, — doirada mariposa, — que logo me descreir, um rancoroso tigre, toma-a, esphacela-a, mata... (e apenas ella pouso!)

E que tenho, senhor? Que devo mais dizer-vos? Não amo, não odeio, e vivo sem ter vida... Que molestia fatal domina nos meus nervos? Ou acaso da insania abrio-se-me a ferida?"

Eu disse; e o bom doutor, lançando em voo os olhos ao meu rosto, e depois á extensa bibliotheca, sorriu de um doce riso e da alma nos refolhos penetrou n'uma phrase "E' o coração quem pecca."

"Analysai com calma o que trazeis occulto a vós mesmo no falso egoismo de homem forte: saturastes de mais em amoroso culto o cerebro, e o veneno o que procreia é morte.

"Tomai o succo então ao toxico pa; aver, e assim bebendo mais, bebendo menos, o opio dar-vos-ha de illusões ideal kaleidoscopio ou vos fará tombar exanime cadaver.

"Vos aniquila o amor. Pois bem, por mais que lerdés, remedio não tereis: segui o que vos digo, e a illusão findará: vereis os prados verdes, o sol vermelho de ouro, o firmamento indigo.

"Para tanto Henri Heine é medico. Das dôres tristes canções fazei, dos prantos fazei versos, e virá outra vez a aurora dos amôres, e tereis outra vez os pezares dispersos.

"Deixai rolar o mundo. Emanações hediondas não de ficar lá baixo, o vosso canto acima; que a magua se dilue dos versos entre as ondas, e a lagrima desseca ao transformar-se em rima."

Ouvi, e, ao salutar conselho me amparando, estas paginas fiz... Sinto-me bem agora. E dizem que ha desgosto e noite quando em quando, e eu só vejo o prazer e o rutilar da aurora.

ALCIDES FLAVIO.

MÃE!

Vestiram-n'o de branco e de rosas cobriram o pequenino esquite, quando o amortalharam.

A luz francamente penetrava no luxuoso aposento da desventurada mãe. Profundo silencio, apenas interrompido pelo soluçar da triste creatura, que via se extinguir para sempre o seu anjo tutelar, seu unico e adorado filhinho, de 14 mezes de idade. Tristeza por toda a parte!

A desgraçada mãe, com os olhos rasos de lagrimas, com o coração esphacelado de dor, pensava:

— Morto, meu filho! que me resta agora? Choral-o eternamente noite e dia, fazer de minha vida, d'ora avante deserta de esperanças, — eterna noite que não tem aurora.

Absorta, quasi sem ter a comprehensão real do que se passava, n'um meio somno, um torpor de espirito, as idéas confusas, baralhadas, indistinctas — pareceu-lhe sentir uma voz mysteriosa (anjo ou fada?) cantar-lhe aos ouvidos umas phrases doces, suaves, alentadoras, onde havia uns tons rosceos de alegrias, umas claridades brancas de consolo... Aquella voz fulava em despertar o pequenito, abrir-lhe os lindos olhos, corar-lhe as faces pallidas e fazer-lhe desabrochar nos labios frios, á doçura de um beijo, a flor divina do sorriso...

E ella, extactica, exclamou:

— Sim, boa fada, sim! vaes dar vida a meu filho, vaes restituir-lhe o calor ás faces geladas, e eu vou ser feliz, feliz! Deus teve pena de mim; mas, boa fada, escuta, vaes me prometter que nunca mais me farás soffrer tamanha dôr, matando meu filhinho, sim? fala, fala.

E tristemente a fada respondeu: — As lagrimas das mães fazem milagres; vês que sou a mensageira de Deus. Elle ouviu o teu pranto e commoveu-se; encarregou-me de restituir a vida a teu filhinho; mas, está escripto no livro do destino — irrevogavelmente — que tú sobreviverás a teu filho. Elle ha de crescer e ha de ser feliz, mas tú, consola-te, para de vel-o morrer ainda outra vez.

— Renuncio a tua graça, boa fada, acudio pressurosa a mulher; vou choral-o morto, não quero que lhe dês vida, já que não podes poupar-me a enorme dôr de perdê-lo outra vez. E' preferivel ignorar sempre a doçura do beijo carinhoso de um filho, a ventura de possuil-o á desgraça de vel-o morrer. Vae, boa fada, leva meu filhinho para o céu e vê se Deus me concede a graça de matar-me hoje mesmo, para que eu desça á sepultura com elle nos braços.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

CHRONICA DOS LIVROS

L'IDÉE RÉPUBLICAINE AU BRÉSIL
— Por Oscar de Araujo. 1 vol. 153 pags. Perrin & C., editores. Paris. 1893.

Entre os brasileiros que hão prestado serviços ao Brasil republicano, distingue-se Oscar de Araujo, que, educado em França, relacionadissimo em Paris, collaborador de varios jornaes e revistas da grande cidade, tem sido um propugnador indefesso e intelligente da consolidação das instituições republicanas em nossa terra e um valente contradictor das falsidades, calumnias e

gratuitos ataques de que tem ellas sido victimas por parte da imprensa franceza.

Numerosos tem sido os artigos e cartas publicadas com taes intuitos pelo nosso distincto patricio no "Tempo," "Revue Bleue," "Nouvelle Revue," "Revue Diplomatique" e outros orgãos de publicidade egualmente importantes.

Mas entre esses trabalhos sobreleva o que agora apparece em volume, não só pelo seu folego e importancia como pelos seus reaes beneficios á causa do Brasil republicano no estrangeiro.

Este livro era necessario, era mesmo indispensavel, porque elle veio ensinar á França que o acontecimento de 15 de Novembro de 1889 não foi um facto imprevisito, surpreendente, sem ligação na cadeia dos factos historicos nacionaes e que, ao contrario, o nosso passado está cheio de tentativas muito serias e dolorosas pela Republica, cujo martyrologio é um dos mais bellos do mundo.

O fim do livro, portanto, é explicar á França, ainda boquiaberta, a facilidade da transformação politica porque passámos, fazendo-a conhecer as nossas tradições republicanas.

E' dividido o livro em seis capitulos. No primeiro estudam-se "Os precursores" e são apresentados desde Philippe dos Santos, (1720) até Nunes Machado, (1848), os grandes vultos que prepararam o terreno á semente democratica.

No segundo capitulo analysa o autor a "Politica Imperial," mostrando que o imperador foi o maior propagandista da Republica pela desmoralisação e corrupção das instituições e dos homens de que era chefe e representante, politica "feita de incapacidade administrativa e de ignorancia economica."

E' o terceiro capitulo uma synthese da "Propaganda republicana," a partir do celebre manifesto de 5 de Dezembro de 1870; no quarto é desenhada a traços largos, mas vigorosos e justos, a alta figura do "Fundador da Republica" — Benjamin Constant; estudo biographico e critico feito com amor e enthusiasmo, naturaes n'um amigo e discipulo como o foi Oscar de Araujo; no quinto capitulo faz o historico do "15 de Novembro de 1889," de accordo com os documentos mais fidedignos e no sexto e ultimo, intitulado "Depois da victoria," tiram-se as deducções dos capitulos anteriores para firmar a conclusão que: — "não havendo nascido de um acaso, a Republica no Brazil não póde naufragar n'uma aventura."

Por esta rapida noticia não é difficil fazer idéa do verdadeiro merecimento deste livro e dos bons serviços que nos veio prestar no Estrangeiro.

Parabens ao autor.

O LETUDO.

A MORTALHA DE ALZIRA — Romance de Aluizio Azevedo. Editores, Fauchon & C.,—1893. 320 paginas.

Comquanto obra de encomenda, fóra dos moldes usuaes de que se serve o romancista, nada tem de fancaria, como provavelmente julgarão aquelles que não tiveram o grato prazer de lè-la em folhetim da GAZETA DE NOTICIAS, ha bem pouco tempo ainda.

Publicou-a nesta occasião o nosso operoso Aluizio, servindo-se do pseudonymo de "Victor Leal" de que, para commettimento do mesmo genero mas em epocha diversa, para o mesmo jor-

nal, lançaram mão Pardal Madlet e Olavo Bilac e Coelho Netto.

A GAZETA havia pedido ao auctor do MULATO um romance não naturalista, com mais ou menos enredo, e bastante imaginoso, se possivel fosse; mas feito de modo tal que não só cahisse no gôto do Zé, como tambem no do burguez de bom gosto, que se baba pelos livros escriptos com sensatez, em que fulgura o estylo e em que ha perfeito equilibrio de idéas. Livro emfim que fosse, não só para o vulgo profano, como tambem para os officiaes do mesmo officio.

Que estes ao lè-o não franzissem o nariz. Tarefa difficilissima essa, não é verdade? Aluizio, realista da gemma: elle, o escriptor da "Casa de Pensão" e do "Cortiço," como descalçar a bota do romantismo de folhetim, que a GAZETA tinha-o obrigado a metter no pé?

Em todo o caso, fiado no seu brilhantissimo talento e chamando em seu auxilio a exuberante e radiosa imaginação que o serve, pegou da penna e... bumba! fez chover no diario que lhe havia feito a encomenda, tiras e tiras do romance pedido, o qual, além de não ser fabricado da mesma massa dos que havia até ali, — "Philomena Borges" e "Uma lagrima de mulher" a parte era passada em Pariz!

Não é nada isto, e é tanto como um trecho de opereta, á feição dos de Offenbach, escripto por Beethoven, tanto como um tango brasileiro escripto por Saint-Saëns!

— Resta saber, dirá o leitor, se o escriptor sahiu-se com galhardia da tarefa que lhe foi imposta.

Mas divinamente, respondo eu.

Foi um successo. Foi para mim um triumpho tão grande e tão honrosamente alcançado, como o que elle teve escrevendo "A casa de pensão," "O Homem" e "O Cortiço"!

Ninguém me diga que ha escolas e que as escolas devem ser respeitadas e que cada escriptor deve ter seu genero e quejandas babuseiras! Nada disto. O que ha pura e simplesmente, é talento e imbecilidade. Os que têm a desgraça de aninhar no craneo esta, sigam o naturalismo ou sigam o decadismo, nunca passarão do fundo das livrarias, roídos pelo pó e pelas traças: emquanto que os que têm o cerebro illuminado pelo talento, arrimado ao bordão dos românticos ou floreteando a bengala dos realistas, ou seguindo avante afoitamente mesmo sem uma e sem outra, sem rumo certo e sem programma traçado, hão de fazer parar no caminho o transeunte, que boquiaberto de pasmo e emoção— apressar-se-ha em juncar-lhe de flôres a estrada por onde irão seguindo triumphantes!...

E' o que faço neste momento com Aluizio. Estou a bater-lhe as palmas, ainda commovido pela leitura amenissima da brilhante e por vezes phantastica narrativa que acaba de atirar aos quatro ventos da publicidade.

Os capitulos em que são narrados os sonhos do Padre Angelo são soberbos de imaginação!

Todo o livro está escripto com estylo cuidado e sobrio e tem typos bem estudados, como sejam, além de Angelo, o Dr. Cobalt e Ozéas.

Outro, que não fóra o creador do "Coruja," era capaz, talvez, de fazer com que o padre, casto, mas sequioso de amor, se deixasse levar pelas seducções de Alzira, e cahisse com unhas e dentes no fructo prohibido e fosse até o caroço.

Calamidade esta que atiraria com o romance de pernas para o ar!.....

Que imprevisito mais poderia haver? Aluizio, não; mata Alzira, quando menos o espera o leitor, e começa a desenrolar-lhe ante os olhos as feéricas paizagens do pesadello onde a treva se funde com o fulgor das apothecoses, onde rolam o ouro e o sangue em cataratas intangiveis, e onde se assiste á dança macabra das chimeras azues e das roseas utopias! Lindo! Lindo!.....

Em duas palavras: o livro de Aluizio é uma obra encantadora, escripta com alguma sinceridade, ainda que inverosimil, que consegue transmittir-nos o grande sentimento de que se acha impregnado; deliciosa phantasia que se devora de um jacto, com grande interesse e com prazer não menor se relê.

Receba, portanto, Aluizio, por mais esta victoria alcançada, os calorosos parabens do

ASCANTIO MAGNO.

COFRE DAS GRAÇAS

Não, meu caro, o que nos falta, a nós, brasileiros é a noção do dever.

— Essa censura não se me póde applicar.

— Porque?

— Porque tenho mais de vinte credores.

Um dono de club de roleta convidava um amigo a frequental-o:

— Vae, que não te has de arrependêr. Só encontrarás lá gente limpa.

— Principalmente á sahida.

Ternura conjugal.

F... despede-se da esposa.

— Tu me escreverás, meu querido?

— Sim, amor...

— Todas as noites?

— Como todas as noites?!

— E que tenho absoluta necessidade de cartas tuas para poder dormir.

Liszt, a quem acabam de erigir uma estatua,—Liszt não teve necessidade de esperar pela morte para ser grande homem. Elle tinha as mulheres por si... este admiravel vehiculo da gloria!

Uma vez em que Liszt, chegando a Strasbourg para realizar um concerto, sentou-se ao piano e começou a descalçar as luvas, uma dellas custou a sahir, e o artista, impaciêntado, arrancou-a com violencia e atirou-a sobre o estrado. Immediatamente todas as mulheres precipitaram-se para apanhar a tal luva.

— A luva de Liszt! — Retalharam-n'a, e distribuiram entre si os fragmentos. A mulher do prefeito teve o index, a do general o dedo minimo e finalmente á do "maior" coube apenas um simples botão, que ella trazia sempre ao peito!

BOATOS SOBRE A REVOLTA

O illustre engenheiro Dr. F. propoz-se a esgotar a bahia do Rio de Janeiro em cinco dias.

*

O chefe da revolta fez desmanchar o "Republica" em tres couraçados, aos

quase deo os nomes de "Fogo," "Viste," "Linguça."

O balão, o tal, terá por chefes os illustres engenheiros Mario e Marinho. Ao subir o balão, ouviu-se á o seguinte dialogo:

—Ao ar, Mario!
—Ao ar, Marinho!

No hotel "Globo," em um banquete, ao trinchar-se uma garoupa, oh! asombro! achou-se-lhe na barriga... um navio:—era o "Uranus."

BIBIANO.

LEÕES CIUMENTOS

Contam que certo caçador valente forte e riço nas lutas sobrehumanas, poz n'uma jaula dous leões de ardente fúria, dous leões das selvas africanas.

Erunt rivas as feras; nas savanas
Nuns viverem do deserto ingente.
N'abna retendo as explosões insanas
De odio profundo, impavido, potente.

Mas de subito, ali, explode a inveja,
Ruge a blasphemia e rubida esbraveja
Nuns altos gritos, n'um guntar vibrante.

—Notas selvagens de um concerto triste—
Para provar que até o ciume existe
No conção das feras, ululante!

Luiz Ross.

PESCADORES

(A Gabriel Prestes)

Elle era de terras em que o ceruleo mar ora dormia, ora bramava, atravessado por bateis veleiros, onde pescadores iam, ora todo azul—espelho do dia—ora de prata—espelho do luar—ouvindo cantilenas de navegantes á Nossa Senhora, murmurios de ondas que se juntavam, fazendo resaltar outras ondas. Falava com admiração do velho oceano e dizia, com a sua voz ainda fraca de criança, rezas de pescadores amorenados que tinham as suas habitações na praia: um renque de palhoças que ao escurecer mostravam dentro luzes—o pescador chegado do mar contava a travessia que fizera—partido, o sol no levante roseo, chegado, no roseo poente o sol; a pescaria fora boa... ou fora má, que desgraça! No canto da palhoça, ouvia-se uma Virgem Maria, rustica e feia, muito simples, sem bordados, e illuminada apenas pelos olhos dos pescadores que traziam o reflexo perenne da vaga e que a olhavam crentes e cheios de fé na santa bôa que protegia os seus filhinhos e a sua companheira, quando partiam no barco, acompanhados a principio pelos olhos amigos que ficavam em terra, acompanhados depois pelas gaiotas, pelas ondas e pela lembrança, que o barco deixava na superficie aquatica.

Uma vez houve um naufragio.

Foi por uma noite negra, muito negra: estrellas, não as havia e não havia lua; tudo escuro, muito escuro, e o vento chibatando o ar, fazendo chorar as arvores: quando applacava sua furia, os demonios soltos no espaço podiam ouvir, transidos de susto, as preces que se elevavam das palhoças, pedindo o amparo de Maria, a santa rustica que

não tinha bordados e que só era illuminada pelos olhares dos pescadores.

Um destes retardara-se no mar—o Nicoláo, um grande, forte, de barba aspera e negra, espaduas largas e olhos meigos—... Nossa Senhora da Bonança o proteja!... ainda não voltára.

A sua casa era a ultima, no fim da praia; encostava-se a um rochedo em cujo cimo uma cruz de páu apodrecia, de tão antiga que já era, conhecida que fora pela avó do mais antigo pescador de agora—o Ruy de Deus, que de envolver no mar ficara branquinho como elle, e que, nesta noite também, na sua casita, prostrado perante um pequeno crucifixo, pendurado em baixo de uma oleographia representando um vapor, balbuciava baixinho, um sorriso bom fazendo-lhe um raio de esperança no seu rosto ancestral: "Nicoláo voltará; o meu Jesus nunca faltou ao seu velho servo"—confiado como estava nesse valetudinario madeiro, nessa cruz que se esverdinhava da agua da chuva, cahindo sobre ella, do tecto, ha annos sem conta: viera-lhe da avó, a mesma que já conhecera, de tradição, a cruz do alto do rochedo, onde se apoiava a casa do Nicoláo, o pescador perdido, donde se eleva agora uma estranha oração, a mais sincera e a que mais commove—quatro crianças e uma mulher choram e o echo chora também.

São quatro crianças que crescem e que também serão pescadores, educados amando o mar livre, e ouvindo á tarde, quando no ceu, que dizem que é um grande oceano, naufraga o sol; historias de marujos, historias de maritimos;—do marujo que se perdeu numa ilha que só o Senhor conhece e que lá viu um dia num regato calmo, sobre que se inclinava para beber, que tinham embranquecido seus cabellos e que tinham enchido suas faces de rugas, regatos por onde, então, correram copiosas lagrimas... lá morreu e os corvos fizeram-lhe uma sepultura negra;—a historia do grumete noivo que, com cinco companheiros, entre os quaes um irmão, vagava num mar sem limites, num batel, depois de um sinistro; acabadas as provisões, sorteando-se um a morrer, senão morreriam todos de fome, foi elle o sorteado; mataram-no; dois dias depois appareceu ao longe um tenue fio de terra: remaram jubilosos e o irmão do grumete morto, em pé com as mãos tapando o sol, procurava distinguir que terra era: era a sua praia natal, feliz acaso! e em terra a noiva do grumete, tendo já distinguido o irmão de seu noivo, chorava de alegria: dizia a uma vilhinha perto, que olhava em extasi agradecido o ceu: "Agora, vilhinha mamã, padre Bento nos casa: elle não morreu, seu irmão nos acena: e elle vem dentro remando, remando e pensando em mim"...—e outras, e outras historias que Ruy de Deus contava, á tarde, esperando a volta dos pescadores.

Estas quatro crianças choram e chora sua mãe, Osmidia, a esposa dedicada: choram e rezam; o vento uiva medonho na noite tormentosa.

Em casa do antigo marinhão continuam a borbullhar orações dos labios seccos de Ruy de Deus. O vento foi aplainando-se, de manso, muito de manso, e o mar acalmou-se. Ruy defronte do Christo: "O, ô! Nicoláo voltará, voltará."

O mar sussurrava agora, docemente escorrendo na praia, que presentava de conchas. Nas aguas appareceu uma

brancura:—"A véla de Nicoláo" gritaram os pescadores, que, passada a tempestade, tinham vindo ás portas, rendendo graças á Senhora de Bonança; não era a véla do barco do pescador: era o primeiro raio da lua nova que surgia, esbranquiçando as nuvens—Desolção...

Ao longe, no leite que a lua derramava na praia de areia, negrejava um barco quebrado. Chegaram todos:

—"Meu Deus, é o "Santa Osmidia!" E' o barco de Nicoláo; pobre da mulher e dos pequerruchos, coitados!"—e callaram-se. O mar chegava aos seus pés e lambia-os. A lua parára bem por cima do barco despedaçado, onde jaziam as esperanças dos maritimos e a crença de Ruy.

Eh! Ruy de Deus, velho lobo do mar, Nicoláo nunca mais voltará, e a sua alma talvez já ande solta neste luar que illumina tudo e que faz ver, lá no rochedo, a cruz que apodrece, inclinada um pouco para a praia, como que abençoando a alma do pescador, que foi sempre bom, e que, certamente, morreu pedindo á Santa Maria que protegesse a sua Osmidia e os seus quatro filhinhos... quatro filhinhos, como é triste morrer, meu Jesus!... Ruy, pescador mais antigo destas praias, que não faltas a abençoar os que partem para viagens longas, Ruy, meu velho, Nicoláo não voltará, não voltará...

Osmidia enloqueceu. Ruy de Deus quebrou o Christo, esverdinhado de limo, riliquia de sua avó, e atirou-o ás ondas, não sem envelhecer, em um dia, muitos dias de pesca mais. Creou os filhos de Nicoláo; para pescadores? não "para pescadores, não," dizia bem triste. Não lhes contou mais historias de marujos e de maritimos; porém, de longe em longe, fazia-os ajoelharem-se na praia junto á sepultura de seu pai—o grande mar—e elles pediam a Deus o eterno descanso da alma do pescador morto, de espaduas largas e olhos meigos. Passava sempre por elles uma velha cantando canções do mar, com os cabellos desgrenhados como um oceano agitado—Osmidia.

A cruz do rochedo apodrecera mais. Uma noite desapareceu:

Ruy de Deus, que já não dormia socegoado como outr'ora, depois que perdera a sua crença, sentado á porta da casita, viu uma mulher subir de rastros o rochedo: "Nossa Senhora!... Osmidia, a louca!..." persignou-se e ficou mudo a vêr a louca subir: o mar soluçava, a lua pousara num braço da cruz, onde existia uma tradição sagrada, de tão velha que era.

Osmidia ajoelhou-se perto do symbolo santo, que com o tempo mais se inclinara para a terra; longo tempo assim se conservou. Levantou-se—"Vae descêr," disse Ruy, em cujas barbas o vento tremia de medo. Não; subito abraçou o lenho podre e com elle rolou pelo espaço, dando um grito, despedaçador, que despertou uma coruja que piou sem descanso até a manhã.

O mar abriu-se, o mar fechou-se; porém, mais generoso que o antigo mar da tormenta, deu o cadaver da mãe aos seus filhos, os quatro robustos lenhadores, como os creara Ruy de Deus, que num dia derrubaram um velho tronco oco de uma figura velha e nelle enteraram a louca, chorando como se ainda

fossem as criancinhas que, na noite da tormenta, rezavam pedindo á santa rusticã a volta de Nicoláu.

Sobre a terra que guardou a pobre Osmidia, fizeram um comoro de flôres, e, como era perto da praia, o mar, á noite, levou-as todas para o tumulo do pescador.

E Ruy? Ruy de Deus ainda lá vive, disse o menino, acabando de contar esta historia; leva o dia inteiro na porta de sua casita a olhar o mar. Dizem pescadores aos seus filhinhos, para fazer-os dormir, que um dia elle se transformará em um penedo, em que virão bater as espumas do mar e a lua descaçar nas noites compridas... Contos de pescadores....

JOSÉ VICENTE SOBRINHO.

S. Paulo.

PARNASO ALEGRE

SONETO METAPHYSICO

(A Valentim Magalhães)

O passaredo enalra em alvoroto
Em alvoroto brincam as criancas...
Só tu, meu coração, jamais te caucas
De queixas espalhar no espaço inuoto.

Em tudo o que me cerca o riso noto
Das alegrias treugas e mansas.
Alacere tudo ao redor. Nas franças
O passaredo chalra em alvoroto.

Ha nas coisas uma alma de tristeza.
Embora o riso transpareça em tudo.
A poesia astral encanta-nos, embora.

O sybillino olhar do vago pesa
No meu enfermo espirito e desmudo
O vago... E logo desaparece a aurora.

Santos Maia.

OS PROJECTOS DE ZOLA

UM REPORTER—Mestre, venho perguntar-vos...

E. ZOLA—Quaes os meus projectos litterarios? Eil-os: "LOURDES," "ROMA," "PARIS," em seguida uma obra theatral...

O REPORTER—interrompendo-o—Mil perdões, mas tudo isso é sabido, sabidissimo. E' publico que "LOURDES" apparecerá a 5 de junho de 1894; "ROMA" a 3 de junho de 1895 e "PARIS" justamente um anno e cinco dias depois. Sabemos isso tão bem como vós mesmo, desculpa-me a franqueza. Posso mais accrescentar alguma cousa ás vossas informações e é que o Papas será o principal personagem do segundo volume desta série.

E. ZOLA—Uma vez terminada a série...

O REPORTER—Fareis uma comedia em quatro actos e em prosa, que será representada a 19 de fevreiro de 1897; em seguida um drama em 10 quadros, que subirá á scena em 3 de março de 1898 e do qual Busnach já vos pedio autorisação para extrahir um romance... Tudo isso é uma brincadeira como informação: o ultimo dos reporters o sabe de cór. Quanto a mim, o que desejo conhecer, o que me é indispensavel, o que não saberei daqui sem saber, é o que teres de publicar em 1901, primeiro anno do novo século.

E. ZOLA—Oh! oh!

O REPORTER—Supponho que já é cousa perfeitamente fixada em vosso espirito.

E. ZOLA—Certamente, mas não posso vol-o revelar, sob pena de comprometter graves interesses

O REPORTER—Não posso accceitar semelhante razão.

E. ZOLA—E' um segredo.

O REPORTER—Que eu passo a escutar.

E. ZOLA—O que eu tenho de publicar naquella data é um romance documental, mas de natureza por tal modo especial e sobre assumpto tão importante, que só vol-o confiarei se insistirdes (O REPORTER faz um signal imperativo.) Bem. Ha uma personalidade, um ente, alguem, emfim, de quem se falla ha seculos e seculos e que ninguem conhece. Ninguem o estudou ainda á luz do methodo experimental do romance moderno, o que equivale a dizer que elle é absolutamente ignorado.

O REPORTER—Quem é?

E. ZOLA—Deus. Já possúo alguns documentos e dentro de alguns annos espero haver collegido muitos mais. Tenho feito e farei falar milhares de pessôas o seu respeito.

O REPORTER—Uma cousa a que se possa chamar mais ou menos assim: "Deus contado por uma testemunha de sua vida... não?"

E. ZOLA—Talvez. E serei provavelmente obrigado a fazer, nessa epocha, uma grande viagem para colher as minhas ultimas informações. Mas a que paiz, a que região, aonde? E' o que por enquanto ainda não resolvi definitivamente.

GRAINDORGE

(DO L'ECUO DE PARIS.)

THEATROS

Não temos dado noticia dos espectaculos realizados no Polytheama porque o Sr. Luiz Milone empresario, ou cousa semelhante, dessa companhia, não teve para conosco o procedimento de cavalheiro, e sim o de vulgar brutalhão que suppõe ter realizado os trabalhos de Hercules por isso que montou uma companhia lyrica!...

Notando a falta de convite foi um dos nossos redactores procurar o sobredito Milone e perguntou-lhe si aquella falta originava-se de esquecimento involuntario ou si era proposital. O "CAVALHEIRO" tractou o nosso companheiro com a mais profunda descortezia, no que, valha a verdade, andou de accôrdo com o seu procedimento de homem ignorante.

Si fazemos esta declaração é porque constitue tradição da SEMANA não mendigar convites, mas tambem não sujeitar-se a que a colloquem abaixo dos outros jornaes.

Fomos, não obstante, ao Polytheama, comprando bilhete, e damos em seguida noticia dos ultimos espectaculos e da interpretação dos artistas, que não têm culpa das grosserias do seu empresario.

O BAILE DE MASCARAS teve um desempenho rigorosamente bom, se attendermos á notavel circumstancia de que os artistas apresentam-se modestamente e não reclamam os fóros de celebridade. O nosso conhecido tenor Villalta agradou e algumas vezes provocou ruidosas palmas pelas bellissimas notas agudas. A Sra. Montesini, que estreou no papel de Amelia, tambem adquiriu sympathias e palmas no "duo" do 3º acto. O heroe da noute foi o baritono Giannini que cantou muito bem a celebre aria "Eri tu macchiavi."

A Sra. Fons foi graciosissima—o melhor Oscar a que temos assistido. Os

córos e a orchestra foram discretos, embora esta andasse um pouquinho frouxa.

O TROVADOR teve tambem bom desempenho.

RECREIO

No dia 27 subio á scena o venerando drama de D'Ennery "A Graça de Deus," que teve excellentes desempenhos, mas que não fez correr catadupas de lagrimas porque na epocha actual pouca é a gente que se dá ao gosto de ir chorar ao theatro.

P. TALMA.

CORREIO

SR. TIBURCINHO.—O senhor é os peccados da gente! Emfim, que Deus me leve em conta o sacrificio de lel-o. Que supplicio, meu bom senhor Tibúrcio, mas que tremendo supplicio! "Voz Celeste" chama-se a sua poesia. Olhe, minha flôr, se são de facto assim as vozcs celestiaes, desisto desde já de minha entrada no céu!

"Quando a voz d'ella rumoreja lembra a voz da aveua."

Pára, desgraçado verso! Até onde queres esticar a pata? Uff! Palavra que já estou suando frio! Que entaladella!

SR. R. M. (Valha-me Nossa Senhora da Bocca Aberta. Mal me livro de uma, caio logo noutra peor! Este agora ameaça-me com um soneto, que é um verdadeiro cacho de sandices; cada verso do infeliz lembra um dedo com um panaricio na ponta. Nada; vou mandal-o passeiar.) Meu illustre amigo, sinto muito dizer-lhe, mas é impossivel o que pede.

Não publicamos o seu soneto "Diva," nem que o senhor nos dê o imperio da China, com bonzos, mandarins, cartas de bichas, ninhos de andorinhas e tudo mais que lá houver!

SR. MANDUCA DA GROTA.—(Ai! meu pai do céu! Que medo! O coração está-me a bater que quasi me salta pela bocca fora!... Este tambem será dos taes? Vejamos. Ai! que elle já me está cheirando tolice que tresanda! Traz quitanda em prosa e quer ser humoristico. Vou dirigir-lhe a palavra. Mas o que? Nada disto! Deixemo-nos de alface, que é roubo de azeite. Vou ver se disfarço e passo adiante).

SR. P. P. DE O.—(Ai! que allivio! Sempre conseguí escapar do perigo de cima! Mas que digo eu!? Livrei-me do Inferno e vim cair no Purgatorio!... Vejam só o que este outro freguez está aqui a dizer-me por meio de uma poesia de legua e meia, ruim como cobra:

"Amo-te muito e hei de amar-te
Até morrer, anjo meu;
Mesmo que no campo de Marte
Se vá perder o cantar teu."

Estava com vontade de fugir tambem d'este, mas isto assim dá muito na vista! Não tenho remedio senão dirigir-lhe a palavra). Carissimo, com que fim vem o senhor pregar sustos á gente. Não me dirá? Carregado de asneiras já estou eu até aos olhos!

Isto faz-me lembrar um pobre diabo, que viesse a correr por um caminho perseguido por um cão damnado e fosse

sahir numa praça, em que desembocassem tres estradas (inclusive aquella por onde elle tivesse vindo); e então, no auge do pânico, embarafustasse elle pela segunda das estradas. Mas dando ahi de cara a cara com um boi bravo, que elle, no primeiro momento, tomasse pelo marido da mulher amada, o qual, suppuzesse que, sabedor de tudo, lhe vinha propor um duello, retrocedesse, e enfiando-se cegamente pela terceira estrada, fosse cahir mesmo nos braços, em plenos braços... de um cadaver! (Do sapateiro, por exemplo, que lhe arrancasse as botinas dos pés). Meu amigo, quer saber de uma cousa? Saude e bichas.

• **SR. SOARES JUNIOR.**—Ora graças, que vem o senhor compensar-nos com o seu bonito soneto das torturas porque acabamos de passar! Isto, sim, é que é lingua de branco! Nem um verso cambaio, nem um tumor syntaxico, que é ainda mais perigoso que o tumor branco, fique certo disto.

"Confidencia," é o titulo da sua joia rimada. É que bonita, a idéa nella cravada, como uma verdadeira pedra preciosa! Disto, sim, é que a gente precisa; portanto, já sabe, logo que houver espaço....

ENRICO.

Tratos á bola

Apezar de velho e religioso, del sempre o cavakinho por dirigir a palavra ás damas; rasão por que começo hoje dirigindo-me a Violetina, que teve a amabilidade de mandar-me um soneto. Isto não é da minha competencia, mas, sim, da de Eurico; mas sendo aquillo um hereje, um espanta-patruilhas com barbas de ouriço caixeiro e ligados de panthera enjaulada, era capaz de dizer alguma das suas á amavel collaboradora d'esta secção, rasão porque resolvi dar aqui mesmo o supra-mencionado soneto e mandar o tal Eurico pintar aboboras.

DESEJOS

Quizera, sim, viver sempre a teu lado,
Que a vida assim seria um paraíso,
E ver florir nos labios teus um riso,
Tornando-me feliz e descuidado.

Então iria, como o beija-flôr
A' bella rosa, um osculo te dar;
Depois... os meus tormentos revelar,
Por ti soffridos, oh meu caro amor!

Assim, unidos, n'esse casto enleio,
Sentindo palpitar teu brando seio,
Eu passaria a vida alegremente...

E tambem tu, sem, mais soffreres, creio,
A dôr que no teu bello rosto leio,
Serias, sim, feliz eternamente...

VIOLETINA.

9-10-93.

E quem não seria feliz aspirando o aroma de tão preciosa flor? Quem tiver unilz que responda.

As "tralices" do numero passado, coitadas! cahiram aos balaios certeiros dos bravos tralheiros, como as sardinhas cahem na rede do "Pescador da barca bella" ou do "Pescador que viveis no rochedo" ou d'aquelle que "atira a rede, pesca seu bem, e tem paciencia porque sabe que o peixe vem" ou d'aquelle outro enfim, mais celebre ainda, que passejava "ás margens de uma ribeira." Debandada geral!

O vencedor d'esta vez foi "Bibliophilo," vindo em seguida Pépe, Amor perfeito, Leitora da Semana, Thlanor e Violetina Lilazia só perdeu uma, Vanora apanhou algumas.

As decifrações são as seguintes

- 1ª Lucio—Lucia;
- 2ª Lança luz;
- 3ª Pope;
- 4ª Amora;
- 5ª Pharol;
- 6ª Sorvedouro;
- 7ª Caçapava;
- 8ª Cidade, e
- 9ª Topada.

Ouçamos, em primeiro logar, o que nos diz em verso Lord Neckwer:

"Muito e reverendo Frei Antonio,
Qual vate, que de certo conhecei,
Acerrimo inimigo do demonio,
No altar vivendo, sempre amando os freis;
Por vossa celestial paternidade,
Sinto grande affeição, muita amizade.

Assim venho pedirvos um logar
Pra as bolas dos collegas tratos dar.

LORD NECKWER.

Pois não, mylord, queira despejar o seu pote.

ANTIGA

1ª no chapéu encontrada — 2
Esta sobre habitação — 3
Decifrando esta charada
Formosa praia acharão.

LORD NECKWER.

Ave ás avessas e ás direitas ave, }
E serci ave como sempre fui; }
Pra decifrar-me quererás a chave? }
Tenho azas como outra qualquer possue.

BIBLIOPHILO.

LOGOGRAPHO

(Imitação)

Logarejo brasileiro

Lá no navio não de encontrar, 1-7-4-5-7.
Este, fallem com o minciro, 4-5-6-2
Que conjunção vae vos mostrar, 2-3.

Tem um A, este meu todo,
Tem um E, tumbem eu juro,
Tem um I, facto exquisto...
Tem um O, bello e bonito,
Tem um U, vos asseguro!

E das duns consoantes
Quem será o adivinho?...
Sou homem, que formosura!
Fôra! Fôra o cara-dura,
Que não pega o passarinho.

LILAZIA.

NOVISSIMAS

1ª No espaço é contração. Que faz o gato? Esta [sciencia]. 2-1-2.
2ª Mulher + Mulher = Mulher 2-2.
3ª Homem? Delgada mulher 2-2.

EUQUIRNEH.

A' LILAZIA

4ª No amor quem governa é a mulher 1-2.
5ª E' fim e medida o instrumento 2-2.
6ª Da musica o astro—ve-se no mar 1-2.

HARRY CLIFFORD.

Cabe agora a vez ao triste religioso de desfiar o seu rosario.
Lá vae mecha:

E' de gente sobre-nome — 1ª
E' bioho no feminino — 1ª e 2ª
Serve de base, acredite — 1ª, 2ª e 3ª
Alegre-se, meu menino, — 4ª e 5ª
Que é nesta casa, sómente,
Que uma parte do corpo pôe decente, 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª.

A terra esfolá—1
Sempre na chuva, —1
Mas, em charola, —1
Não nega uva; —1
Mas tem pancada,
Não vale nada.

BISADA

Tua carta, "na mesa," eu não,

— li —

Mas aquella ave equatica vi.

Damos premios aos primeiros decifradores daqui, de S. Paulo e de Minas.
E por hoje mais nada.

Agradecendo os illustres charadistas que com a sua vallosa collaboração tem illustrado esta columna, termina o cada vez mais massacrado pela jejum e pela penitencia.

FREI ANTONIO.

P.S.—De S. Paulo vieram Mafa Kean e Paulista Monteiro cujas espingardas charadisticas fallaram alguns tiros... Que pena!

ARCHIVO

Recebemos:

—SCINTILLA, valsa da Exma. Sra. D. Maria Euphrosina da Cruz Almada, uma das nossas mais antigas e distinctas collaboradoras artisticas. SCINTILLA é uma valsa esplendida, que tanto nos salões paulistas como nos desta capital fará as delicias dos amantes de Terpsychore. Os editores de SCINTILLA foram os Srs. I. Bevilacqua & Comp.

—EDITII—polka de Garcia de Christo, editada pelos Srs. Fertin Vasconcellos & Morand, a quem agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

—O ALBUM, a excellent revista de Arthur Azevedo, com o retrato e biographia do cidadão João Clapp e que publica entre outros trabalhos litterarios— "O Contrabando"—conto do Arthur dedicado ao nosso director.

—O EXEMPLARIO DE PROTESTANTISMO DESMASCARADO, por Marcos Fernandes Cerqueira, natural da Matta de S. João—Bahia.

—NOVELLAS AMOROSAS, editadas pela Empresa Democratica, que nos offereceu dous elegantes volumes.

—ACÇÃO COMMERCIAL—entre Carlos Teixeira de Carvalho e o Banco Metropolitanano.

—CHUQUINHA MASCOTTE (contos) por "Ignotus" (Viveiros de Castro) Laemmerl & Cia., editores. 186 pags. Rio de Janeiro, 1893. Daremos juizo mui brevemente.

—REVISTA DO INSTITUTO DA ORDEM DOS ADVOGADOS BRASILEIROS. Redactores; Drs. Bulhões Carvalho, Sousa Bandeira, Valentim Magalhães, Isaias de Mello e Rodrigo Octavio. Tomo XIV—Junho—1893. Contem este numero(a que faz grande falta um sumario, como aos anteriores) parte da magnifica dissertação do Dr. Carlos A. de Carvalho (já tirada em avulso) sobre a these: "Quaes os direitos da Municipalidade do Districto federal, cidade de Rio de Janeiro, resultantes de suas concessões territoriaes e do contracto emphyteutico?", varios julgados importantes, actas de sessões do Instituto, e um estudo critico do Dr. Bulhões Carvalho acerca do livro do Dr. Francisco de Castro, intitulado: "O Invento Abel Parente, no ponto de vista do Direito Criminal, da moral publica e da medicina clinica." E' magistral este trabalho do nosso illustre jurisconsulto, a que elle chamou "ensaio de critica litteraria e juridica," porém que é um modelo tanto de uma como de outra. A REVISTA é hoje indispensavel sobre a mesa de todos os que tratam lettras juridicas, directa ou indirectamente. E como tal a recomendamos.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS**CHAPELARIA AMERICANA**

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133, Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc.**Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria**

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela,
reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia,
acha-se equiparado aos melhores da Europa pelos esplên-
didos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o
a apresentar trabalhos**ainda pouco conhecidos no Brazil**Colocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção
de raizes ou dentes**TRAVAIL A PONT**Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de
M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das
anomalias de implantação, obturadores para a abobada pala-
tina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na
bocca, mediante pequena retribuição.Consultas e operações das 8 horas da manhã
às 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

Dr. F. Fajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade ~~de~~ *doenças e Molestias das Senhoras*

Residencia • Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS**FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.